

**Revista de Literatura,
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 26 - 2019

UNIOESTE/CASCAVEL - P. 93-104

**MEMÓRIA E IDENTIDADES NOS
DESACONTECIMENTOS DE ELIANE BRUM**

**Memory and identities in the (Non)events¹ of Eliane
Brum**

Any Mary Ossak Cordeiro²
Nincia Cecilia Ribas Borges Teixeira³

RESUMO: O presente artigo discute a relação entre memória e identidade voltando-se para as escritas de si utilizando como aporte teórico obras de Joel Candau (2018), Maurice Halbwachs (2004), Stuart Hall (2006), Lejeune (2014) como embasamento para analisar a construção identitária de Eliane Brum em sua obra "*Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras*", que segue o gênero relato autobiográfico relatando memórias de sua infância. Eliane Brum, por meio da palavra em sua escrita literária,

revela traços e acontecimentos que a perpassaram e formaram parte de sua identidade. A memória, nesse espaço, constitui-se nesse processo, pois, tanto identidade como memória, são constructos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Identidades; Escritas de si.

ABSTRACT: The present article discusses the relationship between memory and identity, turning to "writing itself" using as theoretical contribution works by Joel Candau (2012), Maurice Halbwachs (2004), Stuart Hall (2006), Lejeune (2014) as a basis for analyzing the identity construction of Eliane Brum in his work "*Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras*", which follows the genre autobiographical, recounting memories of his childhood. Eliane Brum, through the word in her literary writing, reveals traces and events that have permeated her and formed part of her identity. Memory, in this space, is constituted in this process, because identity and memory are social constructs.

KEYWORDS: Memory; Identities; Written of you.

INTRODUÇÃO

A capacidade de ouvir e contar histórias, principalmente daqueles que não têm voz, fez de Eliane Brum uma das principais jornalistas brasileiras na atualidade reconhecida e agraciada com prêmios, tanto em cenário nacional quanto internacional. Por meio da escrita, a jornalista dá voz, em seus livros e reportagens, aos anônimos, àqueles que ninguém vê e/ou ouve. A autora, ao caminhar no campo do jornalismo literário, concede espaços para a escrita factual, mas revela muito dos desacontecimentos, das histórias que não teriam a repercussão da informação rápida, abordando elementos subjetivos e imbricados nas lembranças, apontando

¹ Tradução das autoras.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação nível mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste. Pesquisa memória, identidades e escritas de si.

³ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste.

características literárias repletas de nuances poéticas, elevando à uma dimensão superior o estilo em conduzir suas narrativas.

Na obra *Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras* (2014) a escritora abre o seu passado, e conta a sua vida, especialmente a relação íntima que possui com o mundo das palavras. Pelas memórias de infância, narra sua história com as palavras e com a literatura. No livro, Brum engendra uma leitura densa, porque recorda uma infância vivida com toda a sua intensidade, com suas boas e, principalmente, suas mais dramáticas experiências, que a autora divide com o leitor. A jornalista, por meio da palavra, dá significado ao que foi vivido de forma intensa. Dessa maneira, ela sai do silêncio para virar narrativa, contando seus próprios acontecimentos. Segundo Mathias, “o autobiógrafo propõe-se decifrar, por detrás do percurso que foi o seu, a identidade que lhe subjaz, a verdade profunda que o anima e determina, a sua unidade, em suma – fundamento e finalidade de sua ambição” (MATHIAS, 1997, p. 41).

Logo no início a narradora anuncia: “Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira” (BRUM, 2014, p. 7). Brum propõe uma escrita em que fala de si, e esta completamente dentro e presente em cada frase posta no papel. Candau, referência em temas como memória e subjetividade, assevera que é por meio da “retrospecção o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajuda-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2018 p. 15). Logo, para Beatriz Sarlo, a função da memória seria “fundar um presente em relação com o passado”, (2007, p. 97). Para Le Goff (1996, p. 477), “A memória procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Segundo o autor, o conceito remete-nos “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa passadas” (1996, p. 12). Nesse estudo, o conceito de memória será abordado como fio condutor a partir da qual se costuram as identidades, cujos retalhos são evocados do passado, sob a forma de lembranças. Para Candau (2018), é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade. O autor trata a questão da identidade em seu livro *Memória e identidade* (2012) como um estado construído coletivamente, pois para ele, “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*”(2012, p. 9). Levando em consideração a concepção pós-moderna, de que não há mais uma identidade fixa, essencial ou permanente, Hall concorda com a afirmação de Candau, e vê a identidade construída por meio da diferença. “A identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade” (HALL, 2006,

p. 11).

Da mesma forma Bauman (2005) afirma que as identidades são mutáveis. “O ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (p. 17). Além disso, o autor afirma que os caminhos percorridos, o modo de agir, as decisões tomadas ao longo da vida são fatores que determinam o pertencimento e a identidade. Segundo Souza (2014, p. 98) os discursos culturais servem de âncoras no processo de identificação. “É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo”. Tornando possível a afirmação de Candau (2018, p. 18) de que “a memória é a identidade em ação”.

Em face do exposto, o artigo analisará os traços de memória e identidade contidos na obra autobiográfica da jornalista Eliane Brum, especificamente no prefácio e no conto inicial do livro. Evidenciando assim, o modo como a escrita literária corrobora para a construção da sua identidade. Verificando, assim, de que maneira a memória atua como fio condutor na construção da identidade da escritora na medida em que ambas são construções sociais.

“NOSSA VIDA É NOSSA PRIMEIRA FICÇÃO”: MEMÓRIA EM ELIANE BRUM

Para que a lembrança tome forma, se complete e ressurja no presente são necessários alguns aspectos. Entre eles está o que Pierre Nora, em seu artigo *Entre memória e história* (1993), chama de lugares de memória. Aspecto que dá forma e que permite a sustentação (arquivamento) da memória.

Nora destaca que a memória moderna “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pela morta” (1993, p. 15). São esses lugares que detêm a memória e que mediam a relação do homem com seu passado, sendo assim necessário um meio material para alojar essas lembranças. Para o autor esses lugares de memória surgem à medida que a memória tradicional se esvai e então nasce a necessidade de montar um dossiê do passado que “devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história” (NORA, p. 15).

Além de registrar o passado, esses lugares de memória têm por finalidade ser aporte para a construção narrativa do passado, pois, a rememoração se operacionaliza por meio da

narração. E por meio dessas construções discursivas é possível atribuir sentido ao passado, um exemplo disso são as autobiografias, textos que procuram, por meio das memórias próprias e/ou coletivas, rememorar acontecimentos que fazem parte de uma subjetividade. Assim, Candau (2018, p. 24) defende que “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas”.

Segundo Gass (1994), uma autobiografia tem início com a memória e com a divisão do eu em aquele que foi e aquele que é. “Como tem início uma autobiografia? Com a memória. E com conseqüente divisão do eu em aquele-que-foi e aquele-que-é. Aquele-que-é tem a vantagem de já ter sido aquele-que-foi” (GASS, 1994).

A definição de autobiografia pode ser encontrada no próprio nome: biografia de uma pessoa feita por ela mesma, ou seja, a apresentação de sua vida em grafias ou escritas, portanto, escritas de si. Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). A escrita de si se delinea como um exercício literário típico da modernidade. A arte de escrever, vigente culturalmente, além de ser uma prática solitária, é também da ordem da intimidade, pois revela na sua especificidade - o domínio da linguagem - o seu ancoramento ao primeiro termo da dicotomia indivíduo x sociedade, no âmbito da literatura.

Para Sibilia (2008, p. 33), as escritas de si “não só testemunham, mas também organizam e concedem realidade à própria existência. Essas narrativas tecem a vida do eu e, de alguma maneira, a realizam”. Para Souza (2014, p. 91), “ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu”.

Ao narrar-se, Eliane Brum dá forma ao tempo vivo (passado), portanto, recorre às suas memórias, e esse é o ponto crucial na relação entre memória e identidade, pois ganha forma por meio da escrita. No primeiro conto da autobiografia, intitulado “prelúdio”, a escritora deixa claro a importância das palavras para sua vida.

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos (BRUM, 2014, p. 9).

Assim confere significado ao tempo vivido e, conseqüentemente, às experiências da autora. Canclini (2006, p. 139) entende a identidade no mesmo sentido, observando que “a identidade é uma contrução que se narra”.

De acordo com Rocha (1992), “ler autobiografias, testemunhos, memórias, confissões ou entrevistas é experimentar uma dupla atracção, pelo enigma da vida e pelo da escrita“. Magistralmente, a escritora une as duas vertentes em *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*.

Para Remédios (1997), a literatura confessional (autobiográfica) é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor (REMÉDIOS, 1997, p. 9). “[...] o autobiografo incita o leitor real a entrar no jogo dando a impressão de um acordo assinado pelas duas partes (LEJEUNE, 2014, p. 66)”. Trazendo à tona, assim, o que o autor denomina pacto autobiográfico. Lejeune (2014) registra que para existir qualquer gênero de literatura íntima (autobiografia, diário, autorretrato, autoensaio, memórias) é necessário haver uma relação de identidade onomástico entre autor (cujo nome está estampado na capa), narrador e a pessoa de quem se fala.

Para Eagleton (2001, p. 10), a “literatura” pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita como, também, aquilo que a escrita faz com as pessoas. E, dessa forma, Brum (re)nasce por meio da escrita. Logo no início do livro, a escritora faz uso de uma frase de William Wordsworth em que diz “a menina é a mãe da mulher”. Por meio da frase, é possível verificar que as lembranças vividas pela menina, agora mulher, estarão presentes em sua escrita, e, portanto, o que foi vivido ainda na infância foi de suma importância para que a escritora se tornasse a mulher que é hoje. A soma de todas as experiências foram moldando e construindo o ser que “hoje” escreve e transparece, mesmo que velada, a sua plural essência. Para Anne Muxel, o trabalho da memória é “o trabalho de reapropiação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (MUXEL *apud* CANDAU, 2018, p. 16).

Ao fazer um “percurso de dentro para dentro” a autora que sempre contou histórias indagando como cada um inventa uma vida, como cada um cria sentido para os dias, como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa, agora percorre-se com delicadeza, mas sem pudor, mais do que se revela, oferece-se ao leitor nua. “Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri” (BRUM, 2014, p. 7). Dessa maneira, o passado é visto como fonte

para o presente e para o futuro.

A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro (HUYSSSEN, 2000, p.67).

O livro tem como título do prefácio a seguinte frase: “Nossa vida é nossa primeira ficção” (BRUM, 2014, p. 7). Para o psicólogo William Stern, a unidade pessoal conserva intactas as imagens do passado, mas pode alterá-las conforme as condições concretas do seu desenvolvimento. “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar” (STERN *apud* BOSI, 1994, p. 68). O passado, é portanto, trabalho qualitativo:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN *apud* BOSI, 1994, p. 68).

“Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra” (BRUM, 2014, p. 7), no caso do texto analisado, lembranças que constituem a autora, que acredita em suas memórias, afinal são suas verdades. Pois para Bergson, a lembrança é uma imagem do passado conservada pelo sujeito “Assim, no ato de rememoração o que é lembrado não é o objeto em si, ou o acontecimento em si, mas sim a impressão desse passado, a sensação que esse passado faz surgir no sujeito” (BERGSON *apud* SOUZA, 2014, p. 105). Ao traçar o esboço de vida, que o gênero memorialístico permite, a autora faz cruzar outros trajetos semelhantes. Sua vida escrita traça uma espécie de colcha de retalhos em que juntam-se o sistemas individual e social de outras vidas parecidas. “Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costuramos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida” (BRUM, 2014, p. 7).

Por mais egocêntrica ou narcísica que seja, a dramatização escrita da experiência pessoal de vida estará encenando, mesmo que inadvertidamente, fatores externos interativos na conformação da subjetividade de cada um e,

num palco mais amplo, na conformação da sociedade, com sua história e com os valores culturais que a constituem (VIANA, 1993, p. 152).

Portanto, mesmo traçando um percurso individual, o contexto psicossócio-político em que a autora está inserida pode ser detectadas na escrita. É nesse sentido que o resgate literário dessa autobiografia pode oferecer uma nova dimensão do valor social da narrativa, não como uma representação da realidade, mas como um espaço em que a memória prefigura a ficção e a história.

É do olhar individual e da singularidade do autor que toda a história decorre. No entanto percebe-se que mesmo a escrita autobiográfica sendo um ato solitário, as memórias contidas nas histórias derivam de acontecimentos, muitas vezes coletivos, vividos pela autora em convívio com outras pessoas. Sendo isso definido por Halbwachs como memória coletiva. Assim, tem-se percepção de que o sujeito não está fechado em si, mas é atravessado a todo momento por outros sujeitos outras visões, formações, e percepções sobre um mesmo acontecimento. Esses múltiplos encontros mediados em sociedade por coletivos aos quais pertencemos, acabam formando e sendo o palco de nossas memórias que, conforme vemos no estudo dos escritos de Eliane Brum, atrelam-se à nossa essência e exprimem nossa formação identitária, formação essa que está sempre em movimento. Cada indivíduo, por exemplo, ao observar o mesmo fato, apreende e exterioriza as suas visões e concepções que formam, rememorando cada uma das identidades múltiplas que compõe o seu ser fruto de um coletivo social. Stuart Hall, no que diz respeito a identidade, discorre que:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p. 11).

Zygmunt Bauman (2005) acompanha o mesmo pensamento de Hall, de acordo com o sociólogo, estamos expostos a muitas ideias e princípios de uma só vez. “As ‘identidades’ fluem no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (p. 19). Ainda segundo ele, na época “líquido-moderna” em que nos encontramos, “estar ‘fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais

malvisto” (p. 35).

A autora registra que as histórias contidas no livro são contadas a partir do seu ponto de vista, por isso dependendo do olhar de quem a lê assim será dada a interpretação, até mesmo de quem está inserido dentro da narrativa.

Quem conhece as pessoas e as situações aqui contadas poderá rememora-las por outros caminhos, a partir de suas próprias circunstâncias. Ao descrever aqueles que morreram, possivelmente confronto as reminiscências de outros. Os que ainda vivem talvez discordem do que neles adivinho porque enxergam a si mesmo de modo diverso, (BRUM, 2014, p. 7).

Para Halbwachs (2004), a memória individual deriva da memória coletiva, sendo assim, a primeira é apenas um ponto de vista da segunda, uma forma de recriar/ atualizar o que já foi dito. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Portanto, percebe-se que a memória individual se dá a partir das relações sociais, na interação com o coletivo. É nítido como as noções de memória, falamos em memória coletiva e social, segundo Halbwachs, se cruzam com o que é explicado por Hall no e que designa a noção de identidade, pois, segundo ele, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2006, p. 11-12).

Canclini reconhece que as identidades são hoje “processos de negociação, na medida em que são híbridas, dúcteis e multiculturais” (CANCLINI, 2006, p. 138), portanto, são móveis, abertas e flexíveis. Assim, autores, como Hall, demonstram que a identidade deve ser pensada dentro do panorama social pós-moderno:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciencia no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2006, p. 38).

Sendo a memória o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável que ocorra uma seletividade da memória, já que não é possível evocar todas as lembranças do indivíduo, por isso ocorre uma seleção fazendo emergir as imagens do passado que estão de

acordo com as intenções atuais do sujeito, ou citando Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (CANDAU, 2018, p. 169). E assim Eliane faz em suas escritas, “Esta é a minha memória” (BRUM, 2014, p. 7). Éclea Bosi defende que ao fazer sua autobiografia, o indivíduo consegue saber a sua forma predominante de memória, pois afirma que “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p. 68).

Segundo Candau (2018), a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. A jornalista pensa no presente à luz do passado. Por meio da escrita literária é possível trazer suavidade para o passado e para as vivências, experiências tidas como emancipatórias para a autora. “[...] isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2018, p. 16). Para Souza (2014, p. 109) rememorar significa mais do que trazer o passado para o presente, “trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re) construção”.

Hall afirma que “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*” (HALL, 2006, p. 38 24-25 meu). Para ele a identificação (termo usado pelo autor para evidenciar a instabilidade das identidades) é um processo de articulação, por isso:

[...] como num processo, a identificação opera por meio da *différence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2014, p. 106).

A partir disso, o conceito de identidade segundo Hall, é estratégico e posicional. Pois para ele essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas.

[...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2014, p. 108).

Bauman (2005) ao propor que a identidade é um quebra-cabeças, aponta que será sempre incompleto “ao qual faltam muitas peças (e jamais se saberá quantas)” (p. 54). Em um quebra-cabeças comprado em loja, é possível observar a imagem final a ser montada, já no quebra-cabeças da identidade não há uma imagem dada antecipadamente. Dessa maneira, ao montar o quebra-cabeças comprado, você escolhe e encaixa as peças com o objetivo de formar a figura, conhecida desde o início do trabalho. Já no que diz respeito a identidade, o cenário se altera:

No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho é totalmente direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. (BAUMAN, 2005, p. 55).

A escritora, movida pelas histórias que conhecia e contava de outros, pôde em sua autobiografia dar voz as suas histórias, memórias que foram fundamentais para que a jornalista se contituisse por meio da escrita. No final do prefácio, Eliane finaliza: “Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira” (2014, p. 7). Com isso, percebemos a fragmentação da identidade, pois ao mesmo tempo nasce e , também, conduz o nascimento. Ainda é possível notar que esta foi construída e transformada no decorrer da vida, principalmente, e no que diz respeito a sua relação com a palavra escrita. Construção a que se dá a partir da relação dela com o outro. Pois, no decorrer da escritura, ao contar suas histórias, traz à tona personagens que conviveram com ela e colaboram na sua formação como escritora, jornalista, mulher, pois como afirma Hall a identidade só é formada em relação ao outro, pois assim o indivíduo é moldado diante da diferença.

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo- e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construída (HALL, 2014, p. 110).

Nesse sentido, a memória atua como fonte de referentes identitários, pois “pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi uma nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAUI, 2018, p.15). A relação da Eliane com as palavras é uma relação íntima, de entrega necessária, um caso até de

sobrevivência. A autora se constitui a partir da escrita, a menina que flertava com a morte foi salva pela palavra escrita, a literatura a faz nascer novamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser a memória o meio que permite a ação do passado no presente, por intermédio das lembranças, ela age coletivamente ou individualmente, podendo ser vista como dispositivo atuante na reconfiguração das identidades, sendo que permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para se consolidar no presente. O termo identidades é utilizado no plural e também na posição da provisoriedade, pois como afirma Hall (2006) o conceito deve ser visto como um processo em andamento e instável já que ela se constitui a partir da diferença e no contato com o exterior, formando assim a pluralidade que nos constitui e que constrói as identidades, essas sendo obras que nunca se encerram.

Uma autobiografia é uma vida escrevendo a própria vida. Ao percorrer as memórias da infância, Eliane Brum expõe a relação dela com as palavras. Memória e identidade, ambas construções discursivas, juntam-se na narrativa, pois ao narrar-se Brum mobiliza seu repositório de experiências, põe em ação tudo o que a constitui, revela as escritas de si e tudo o que é movimentado e acionado para que seja possível essa rememoração do passado, com o intuito de revelar a identidade da escritora no momento em que buscou a seleção das palavras. A escrita não foi apenas um tijolo, mas um pilar de sustentação na construção de quem ela é hoje. Eliane constrói um corpo, uma narrativa por meio da palavra escrita. A palavra é o instrumento que Eliane usa para tecer significados para a própria existência, traça a sua narrativa e afirmar sua singularidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos** – Conflitos multiculturais da globalização. Trad. Mauricio Santana Dias, Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra; São Paulo: Martins Fontes, 4 ed., 2001.

GASS, William. A arte do self. **Folha de São Paulo**, 21 agosto 1994, Mais, p. 6- 4.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.]. Ed. 4. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

MATHIAS, M. D. Autobiografias e diários. In: **Colóquio letras**, n. 143-144, 1997. p. 41.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

REMÉDIOS, M.L. **Literatura Confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROCHA, C. A explosão intimista na época contemporânea. In: **As máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1992.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: Apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**. Pelotas: UFPB, vol. 16,

n.1, 2014.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres brasileiras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

Recebido: 26/08/2019
Aprovado: 09/12/2019